

Histórias do CCazinho – A criança além da patologização

Kátia C. B. Pereira (IC), Maria I. H. Coudry (Orientadora), Guilherme V. T. Prado (Co-orientador)

Resumo

O objetivo do projeto é discutir a patologização de crianças, durante o processo de aquisição e uso da leitura e da escrita, relatando histórias de casos acompanhados no CCazinho (IEL/UNICAMP). Busca-se, por meio de um conjunto de atividades discursivas que envolvem fala, leitura e escrita, conhecer essas crianças, para compreender em que ponto se situam nesse processo e o impacto que a patologização e os diagnósticos causam em sua vida e na de suas famílias.

Palavras Chave: Patologização, CCazinho, Leitura/Escrita

Introdução

É extremamente importante discutir a patologização em nossos dias. Não se nega que haja patologias que envolvem a leitura e a escrita, o que se afirma é uma posição contrária frente à banalização de diagnósticos e a seus equívocos. As escolas vêm utilizando os diagnósticos para justificar a não-aprendizagem da criança, o que percebemos nas histórias dos frequentadores do Centro de Convivência de Linguagens (CCazinho/IEL/UNICAMP).

Os diagnósticos se tornam determinantes na vida das crianças, contudo, pouco se discute com os professores em formação – considerando, principalmente, a graduação em Pedagogia na Unicamp –, a patologização e a medicalização da educação e da infância, bem como o papel do professor frente a isso.

Nosso objetivo principal foi promover essa discussão. Pretendemos, portanto, suscitar reflexões e promover a conscientização sobre o impacto causado pela patologização, no professor, no aluno, na escola e nas famílias.

Resultados e Discussão

Para realização da pesquisa propusemos conhecer e contar as histórias de sujeitos patologizados, crianças/jovens, e suas famílias, que foram acompanhados no CCazinho. Para isso realizamos entrevistas com esses sujeitos, o objetivo da entrevista é entender, da perspectiva do sujeito patologizado, como é ser patologizado, e que impacto que esse rótulo, trazido pelo diagnóstico, teve em sua vida, e como foi superar esse falso diagnóstico.

Após as entrevistas elaboramos narrativas contando essas histórias, para isso utilizaremos também os dados e relatórios desses sujeitos do período em que frequentaram o CCazinho.

Este projeto também conta com pesquisa bibliográfica e se baseia, principalmente, nos pressupostos teórico-metodológicos

desenvolvidos pela Neurolinguística Discursiva (ND).

Conclusões

Compreendemos que o sujeito patologizado internaliza o diagnóstico, incorporando o rótulo a ele atribuído. A criança passa a acreditar que não consegue aprender, e, conseqüentemente, não aprende, satisfazendo de uma profecia que se auto cumpre (WATZLAWICK, 1994).

É necessário que os professores compreendam o impacto que falsos diagnósticos trazem; assim como que conheçam o processo de aquisição da leitura e da escrita, para compreenderem a complexidade desse processo e o ritmo diverso que os alunos revelam nesse aprendizado, o que não significa que apresentem uma patologia.

Com essa pesquisa visamos contribuir para o combate ao processo de medicalização, da infância e da aprendizagem.

Um dos resultados esperados é promover a discussão do tema patologização com os professores em formação. Faremos isso, principalmente, no Trabalho de Conclusão de Curso da pesquisadora, onde serão apresentadas a discussão proposta juntamente com as narrativas produzidas.

Agradecimentos

Agradecemos o financiamento do CNPq. Agradeço as crianças do CCazinho e suas famílias que me permitiram conhecer suas histórias. E a professora Coudry, coordenadora do CCazinho, que me permitiu conhecer esse espaço, essas pessoas e essa discussão.

¹ CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

² BIRMAN, J. O sujeito na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

³ COLLARES, C.A.L.; MOYSÉS, M.A.A. A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico: a patologização da educação. In: Alves ML, coordenador. Cultura e saúde na escola. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação; 1994. p. 25-31..